NO ESPAÇO DO HIPERTEXTO A BUSCA DA INFORMAÇÃO E A RECONFIGURAÇÃO DO CONHECIMENTO

Autoria: Maria Angela Coelho Mirault
Universidade Católica Dom Bosco
PUC de São Paulo – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica

RESUMO

Informação é o dado em si, disponibilizado pelas fontes e transmitido pelas mais diversas mídias. Conhecimento é a metabolização que se faz dessa informação; o resultado obtido como determinado dado vai reconfigurar-se no contexto de um repertório absolutamente pessoal.Todo conhecimento resulta de um processo de reconfiguração de repertório, anteriormente configurado.

O presente trabalho pretende *linkar* o nódulo que contextuaria a reconfiguração do conceito de espaço-tempo, imposto pelo hipertexto, em analogia com a perspectiva teórica de Prigogine, ao propor que determinadas ocorrências na flecha irreversível do tempo são acontecimentos entrópicos, que podem, tanto significar o fim como originar um novo começo e gerar o fenômeno da bifurcação de caminhos, que se abrem para sempre novas, imprevisíveis e intrincadas possibilidades. O hipertexto remete-nos para a vastidão ilimitada de linguagens informacionais, lançando-nos a trilhar caminhos não previsíveis e, mesmo, irreconciliáveis com o passado. Sua estrutura possibilita o acesso a todo tipo de informação, mas sua transformação em conhecimento e reconfiguração de repertório é opcional e intencional

PALAVRAS-CHAVE:
Hipertexto – imprevisibilidade – comunicação

1. A Era da pós-informação

Na década de setenta, a queda de um avião deixou absolutamente incomunicável o grupo sobrevivente. A saga desse salvamento, após sessenta dias passados

nas gélidas montanhas dos Andes, foi alvo da mídia mundial, tornou-se *best seller* literário e posteriormente produziu o roteiro do filme Os Sobreviventes. O inusitado do fato é que o grupo de jovens desportistas, desorientados pela neve, encontravam-se a poucos quilômetros de uma cidade e, para manterem-se vivos, enquanto três dos sobreviventes intentavam uma caminhada de centenas de quilômetros em busca de socorro, alimentaram-se das carnes dos companheiros mortos, ocasionando um debate mundial sobre o tema da antropofagia. No transcurso de apenas duas décadas, um telefone celular conectado a um satélite, um *laptop* e o simples discar de um número, poderia permitir a conexão instantânea daqueles sobreviventes com qualquer lugar da Terra.

O mundo de trinta anos atrás não conhecia computadores pessoais, videocassetes, Cds, satélites domésticos, fibras óticas, tomografias computadorizadas, tvs a cabo, telefones móveis ou fax, marcapassos, equipamentos e produtos digitais, Dvds, Internet. A descoberta de uma simples e barata pastilha de silício, veio mudar a face do mundo. Esse componente eletrônico foi o maior responsável pela formidável redução nos preços de produtos eletrônicos, em especial, nos computadores e nas telecomunicações, disponibilizando-os a um número cada vez maior de pessoas em todo o mundo. A tecnologia eletrônica está promovendo uma revolução silenciosa e irreversível; transformadora de toda a vida planetária, subvertendo domínios, transformando sociedades e culturas. O chip tornou realidade a Era da Informação, alterando todas as concepções de vida prognosticadas.

Desde os seus primórdios, o homem é um ser que age na natureza objetivando a sua sobrevivência e a manutenção da espécie. Para isso, transforma a realidade em seu benefício, acumula bens e informações. Produtos estes que precisam ser estocados e que se vão constituindo em acervos econômico e cultural. Para solucionar o problema do armazenamento da informação, o homem concebeu a escrita. Mais tarde, com o volume de informações e para atender a demanda de selecionar, armazenar, classificar, organizar, disponibilizar informações, o homem criou a biblioteca: a Biblioteca de Alexandria já continha um acervo de 700 mil obras. O suporte livro e a mídia escrita eram os recursos disponíveis, então.

Embora, desde a segunda metade do século XIV, as descobertas marítimas tenham proporcionado a transmissão de mensagens, foram invenções como o cabo submarino (1866), o telefone (1876), o telégrafo sem fio (1894) e as transmissões transatlânticas de ondas de rádio (1901) que vieram mudar radicalmente as formas de comunicação à distância.

Umberto Eco retrata em O Nome da Rosa toda uma trama romanceada sobre o valor da informação, tida, na Idade Média, como segredo guardado a sete chaves nos conventos. Criar sistemas de controle sobre o que podia ser, ou não, divulgado era, antes de tudo, um recurso de poder.

Nicholas Negroponte, em sua obra Vida Digital, afirma que a era da pós-informação apresenta como característica marcante à promiscuidade das informações. Diz ele que, com o advento e o aperfeiçoamento das novas tecnologias digitalizadas, transitamos da era do *broadcasting*, que impunha o modelo da globalização da informação e o conceito de aldeia global, para a era do *broadcatching*, ou seja, da caça à informação, porque agora já é possível ao homem procurar e selecionar o que lhe interessa, alterando um processo, antes, passivo para um ativo.

Essa possibilidade, além de facilitar a individualização no processo de aquisição do conhecimento, gera também alterações de concepções relativas ao referencial espaço-temporal tidos como limites impostos ao homem, os quais, a partir de então, passam ao seu domínio. Na medida em que somos nós quem escolhe os bits, abandonamos a era do *pull* para ingressar na era do *push*, inauguramos um novo tempo em que o receptor se assenhoreia do processo da comunicação – no seu tempo e no seu espaço – e passa a consumir a informação que melhor se lhe compatibilize, a qual, metabolizada, vai interagir com seu repertório pessoal e passar a integrar o seu acervo de conhecimentos.

1.1. A revolução da Internet

A partir da década de sessenta, o uso dos satélites artificiais, a transformação do computador em máquina cada vez menor, mais potente e acessível, os cabos de fibra ótica foram invenções humanas que vieram formar sistemas globais de telecomunicações, dos quais a Internet é o grande ícone. Como o próprio nome em inglês quer dizer, trata-se de uma rede que possibilita a interconexão, sem as barreiras do espaço e do tempo. Se imaginarmos que essa extensa rede tem permitido que pessoas de qualquer lugar do mundo se conectem e troquem informações, podemos também imaginar a constituição de uma sociedade sem fronteiras geográficas, que, diferentemente do conceito de sociedade globalizada, estaria centrada na negociação de interesses comuns, mantendo ainda toda a particularidade cultural de cada um. A respeito disso, Pierre Levy (1994: 179) em sua concepção, conceitualiza o *espaço do saber* como o lugar da interconexão da *inteligência coletiva*:

> *A tecnociência, corpo cancerígeno do saber coletivo, efetua uma metástase anárquica. O saber não é mais uma pirâmide estática, ele incha e viaja em uma vasta rede móvel de laboratórios, de centros de pesquisa, de bibliotecas, de bancos de dados, de homens, de procedimentos técnicos, de mídias, de dispositivos de gravação e de medida, rede que se estende continuamente no mesmo movimento entre humanos e não humanos, associando moléculas e grupos sociais, elétrons e instituições.*

1.2. O hipertexto como o espaço *de (toda) informação (nenhuma)*

Para Walter Ong, a oralidade é o ponto de partida para a cultura da mídia, visto que, desde este momento apresenta a hibridização das linguagens, ou cruzamento de matrizes. Por outro lado, a construção do repertório constitutivo do paideuma, restringe-se a um outro contexto visitado pela Semiótica da Cultura ao afirmar que todo processo de semiose ocorre em um ambiente que Lotman chama de semiosfera, onde se dá a resignificação de linguagens. Conseqüentemente, também, de reconfiguração de repertórios de conhecimentos e pré-juízos.

É, portanto, no espaço da semiosfera que as linguagens se interagem e se interferem umas nas outras, auto-organizam-se hierarquicamente, para se reconfigurarem em novas sedimentações de conhecimento. Não há ruptura; há continuidade, transformação que se configura no conceito filosófico que Lotman dá ao sentido de explosão, de evolução, de projeção, ou seja, alterações que ocorrem por meio de processos graduais de relacionamento, convivência e superação em uma relação de antítese e reciprocidade. Nesse contexto, explosão adquire o significado de processo dinâmico que dialoga com mecanismos de estabilização e que indicia uma nova fase, absolutamente imprevisível, na qual, dentro de um complexo de possibilidades, somente uma realizar-se-á.

Desde que começou a acumular conhecimentos, a necessidade de discernir a informação relevante da irrelevante constituiu-se um problema humano. A Biblioteca de Babel, descrita por Borges, talvez seja a melhor metáfora para se tentar definir o que seja a Internet. Em sua idealização, ali seria possível encontrar-se todas as informações do mundo, sem excluir, contudo, as verdadeiras das falsas, textos sem sentido e também muito lixo. Prenuncia, ele, nesse conto, uma coleção tão surpreendente de informações que no fim todo o acervo corresponderia à informação nenhuma, tal como concebe Negroponte quando afirma

que o volume de informações que as novas tecnologias proporcionam gera o fenômeno da saturação, trazendo como conseqüência à promiscuidade. Em meio a tanta informação, disponibilizada pela Internet, os problemas seriam os mesmos do usuário da biblioteca de Borges. Como se pode constatar, buscar a informação de que se necessita, conferir sua veracidade e relevância não é uma coisa nova, mas absolutamente humana.

1.2.1. O hipertexto como lugar da reconfiguração do conhecimento

Para que fosse possível produzir e gerenciar a avalanche de informações e o entrelaçamento de arquivos dentro da rede, foi criada uma linguagem que permitisse a edição de páginas, ou seja, um novo protocolo de comunicação (HTTP), além de um tipo específico de programa para navegação. Em 1990, é criada a HTML - HyperTex Markup Language, que reúne códigos de formatação, cuja função é mostrar o relacionamento lógico entre os elementos de um texto, dentre as inúmeras alternativas do hiperlink.

A criação do primeiro softwere, que conseguia reproduzir textos e imagens guardadas em um computador nas mais diversas localidades do mundo, foi o browser (folheador), permitindo que se passasse de um lugar ao outro como o folhear de um livro. O primeiro browser gráfico, desenvolvido em 93 por pesquisadores da Universidade de Ilinoi, liderados por Marc Andreessen, foi o Mosaic. Esse programa foi um dos grandes impulsionadores da Web. Como passo seguinte, o mesmo grupo de pesquisadores lançou o Navigator e, Marc Andressen fundou a Netscape, que hoje pertence ao Grupo America Online. Atualmente, a navegação pelas páginas da Web é disputada por dois programas, o Netscape Navigator e o MS Internet Explorer, que, embora tenham recursos comuns, apresentam formas diferenciadas de visualizar algumas de suas páginas.

A entrada na Web, ou seja, o primeiro lugar de acesso, tornou-se bastante disputado. O objetivo dos sites disponíveis, tão logo o internauta se conecta, procura disponibilizar tudo (ou quase tudo) que um navegante precisa. Ali, pode visitar seu correio, ler notícias, fazer compras, entrar nos chats e bater papo. Além disso, disponibilizam toda gama de informações possíveis e contidas na Internet, que podem ser rastreadas por seus mecanismos de busca, os quais, classificam e selecionam todo tipo de assunto. São os portais, verdadeiros manuais de auxílio para que os navegantes encontrem o que precisam. Eles têm objetivos comerciais embora se ofereçam gratuitamente. A idéia é que se torne uma mídia mundial on-line de publicidade, pela manutenção de um público cativo dos seus serviços, e, muito brevemente,

passem a dar lucro. Por isso, competem entre si e procuram oferecer o maior número de informações e conexões possíveis, pelo acesso de um único endereço, mantendo a sua audiência (visita).

Ao se fazer uma pesquisa em uma biblioteca, necessita-se acessar os mecanismos de organização do acervo. Localizar o assunto, buscá-lo na prateleira correta, e, posteriormente, se apropiar da obra em si. Como vemos, a pesquisa é precedida de toda uma intencionalidade. No ambiente de rede, a navegação por hiperlinks seria analogicamente precedida por estas mesmas atitudes, já que, por seus nódulos de conexão, pode-se entrar em outras páginas, assuntos correlacionados, tal como, na obra escrita são as referências, as bibliografias, que desenvolvem toda uma cadeia de indicações e de aprofundamento de um tema.

O risco da desorientação no hipetexto é, pois, o mesmo que todos os pesquisadores em todos os tempos, correm, ou seja, a possibilidade da perda de rumo e de tempo, do desperdício, e, de certo modo, do risco de saturação. Quer seja na biblioteca analógica, quer seja no ambiente digital, o importante é saber de onde se vai dar início ao processo de busca, mantendo-se voltado para o que, em princípio, se quer saber. Tanto numa, como noutra experiência, além do risco da desorientação, há também a possibilidade do prazer da descoberta de coisas que não se tinha intenção de procurar, não se esperava encontrar e sequer se supunha existir. O que difere, nestas mídias, é a velocidade e a alteração do espaço com que isso se dá no hipertexto

2. O tempo e as concepções de Prigogine

O tempo ainda é hoje um dos mais intrigantes mistérios na natureza. Ninguém pode ainda defini-lo com exatidão. Para a Física, *o tempo é uma coordenada que, juntamente com as coordenadas espaciais, é necessária para localizar univocamente uma ocorrência física*. No mundo real, de *experienciação,* os acontecimentos marcam a passagem do tempo em antes e depois. Quando o homem começou a contar eventos repetidos, começou a medir o tempo. Alguns deles parecem acontecer uma única vez, é o que se conhece como singularidade. Outros, porém, ocorrem repetidamente, como o nascer e o pôr do Sol, o movimento das marés, as fases da Lua.

Até o século 19 tinha-se a imagem de um universo eterno, estático, oposto à idéia de um universo termodinâmico, por sua vez também eterno, mas em evolução rumo a uma morte térmica e condenado a pôr fim a toda a história. A esses tipos de universos – imutável e

condenado – sucederam-se novas teorias. Para Newton, o espaço era absoluto, não dependendo da localização do observador, o tempo tinha seu fluxo igual e uniformemente em todos os lugares e para todos os observadores. Einstein, em 1920, vem propor que nem o espaço nem o tempo são absolutos, mas estabelecem uma relação dependente com o observador e concebe um universo como uma entidade estática fechada em si mesma, uma esfera de volume finito e intemporal.

Foi a partir das constatações de Hublle, em 1929, que a Física passou a dispor de elementos para entender que o universo teve sua origem no fenômeno conhecido como Big Bang. Graças aos seus estudos e observações, constatou-se que as galáxias emitem luzes com tendência a cor vermelha proporcionalmente à sua distância em relação à Terra. Isso levou a Física a concluir que o nosso é um Universo em expansão.

Hoje, para a maioria dos físicos o universo está em expansão, tem uma idade e uma origem. Eles acreditam que o evento do Big Bang confirma a teoria da singularidade tanto da origem do universo como do nascimento do tempo.

2.1. Ilya Prigogine e a *reconfiguração* do espaço-tempo

Por volta de 1985, ao ser solicitado pelo físico Ivanenko, da Universidade Lomonosoff, em Moscou, a escrever uma curta frase na parede, Ilya Prigogine profetizou: *O tempo precede a existência*. Esse pequeno acontecimento, aparentemente insignificante, não só exprimia um pensamento singular na Física como propunha uma nova concepção de existência, de universo e de tempo. Prêmio Nobel de Química, Prigogine, em suas obras O fim das Certezas e Entre o Tempo e a Eternidade expõe suas teorias a respeito do assunto. Nelas, Prigogine (1988:171) compara a coordenada do tempo apresentada por teorias anteriores sobre a origem do Universo e afirma: *O universo seria criação contínua, sucessão infinita de Universos a nascer por toda a parte e a caminhar rumo ao infinito.* E ainda, ao referir-se ao nascimento do tempo:

> *Não podemos pensar a origem do tempo, mas apenas nas explosões entrópicas que a pressupõem e são criadoras de novas temporalidades, produtoras de existências novas caracterizadas por tempos qualitativamente novos*. Ou, ainda: *O universo é um sistema termodinâmico gigante. Em todos os níveis, encontramos instabilidades e bifurcações (PRIGOGINE,1996:194).*

No capítulo intitulado O Nascimento do Tempo, da obra Entre o Tempo e a Eternidade, Prigogine questiona: *quem poderia imaginar que se pudesse ser levado à concepção de que a morte térmica do universo poderia estar situada não no fim da história, mas no seu começo?* Para ele, *as leis da Física, em sua formulação tradicional, descrevem um mundo idealizado, um mundo estável e não um mundo instável, evolutivo, em que vivemos*. Os desenvolvimentos da Física e da Química de não-equilíbrio mostram que *a flecha do tempo pode ser uma fonte de ordem e não de desordem como aparentemente o modelo entrópico propõe,* pois, *a irreversibilidade leva ao mesmo tempo à desordem e à ordem***,** afirma, ele.

O modelo de universo, proposto por Prigogine, vai de encontro à cosmologia contemporânea, que propõe vivermos em um universo em expansão irreversível e se pudéssemos voltar no tempo, seríamos capazes de encontrar a singularidade do evento que deu origem ao tempo e ao próprio universo. Nesse caso, o Big Bang constituir-se-ia numa singularidade absoluta, que, na verdade, contentaria físicos e teólogos. É a isso que Prigogine (1988: 152) contesta ao dizer:

> "*a passagem à existência, tornada fisicamente inteligível, por isso mesmo não seria um acontecimento único, mas um processo que obedece a condições determinadas. Poderia tornar-se concebível que outros universos tenham precedido o nosso e possam suceder a ele*".

Para a maioria dos físicos, o Universo está em expansão, tem uma idade e uma origem no Big Bang. O modelo proposto por Prigogine no entanto, concebe-o com uma idade e uma flecha do tempo que não tem seu início por ocasião do Big Bang. Essa ocorrência *seria um processo irreversível (...) e a irreversibilidade resultaria numa instabilidade do pré-universo*. O tempo precede a existência, conclui**.** A existência é um acontecimento na flecha do tempo: *Não somos nós que geramos a flecha do tempo. Muito pelo contrário, somos seus filhos* (1996: 12). Tal afirmação de Prigogine (1996: 13) leva-nos a crença de que podemos conceber o Big Bang como um evento associado a uma instabilidade; concebido como um ponto de partida do nosso universo, mas não o do tempo: *Temos uma idade, nossa civilização tem uma idade, nosso universo tem uma idade, mas o tempo, por seu lado, não tem começo nem fim* (Prigonine:1996,173).

Prigogine (1996:198) afirma pretender construir um caminho estreito entre a idéia do acaso e do determinismo, pois *ambas levam igualmente à alienação, a de um mundo regido por leis que não deixam nenhum lugar para a novidade, e a de um mundo absurdo, acausal, onde nada pode ser previsto nem descrito em termos gerais.*

Prigogine propõe então o *fim das certezas* e do determinismo fatídico do fim da história impostos pelo modelo termodinâmico e nos apresenta o futuro como uma opção dentre inúmeras possibilidades de escolha (1996: p.194): *O universo é um sistema termodinâmico gigante. Em todos os níveis, encontramos instabilidade e bifurcações.* Subverte, assim, a interpretação da Física para o fenômeno do Big Bang, interpretando-o como um dos inúmeros eventos probabilísticos ocorridos na flecha absoluta do tempo.

Para Prigogine (1996: 189), *o nascimento de nosso universo traduz-se por uma explosão de entropia*. É mais explícito ainda quando diz: *agora vemos a irreversibilidade associada não mais à morte térmica do Universo, mas a seu nascimento; não mais a uma evolução que conduz sem retorno a um estado inerte, mas talvez a uma eterna sucessão de Universos.* (Na flecha preexistente do tempo), *nosso Universo seguiu um caminho de bifurcações sucessivas, poderia ter seguido outros. Talvez possamos dizer o mesmo sobre a vida de cada um de nós,* afirma (1996; 75).

3. No ambiente do hipertexto: o hiperlink como acontecimento entrópico e abertura para novas reconfigurações

A trajetória humana é construída por acontecimentos, que, por sua magnitude, acabam significando marcos de redirecionamentos da História. Fatos ocorrem que, tal como o Big Bang, desviam rotas previstas e significam, realmente, a abertura para novas e imprevisíveis possibilidades e destinos. Difícil é para quem vive estes instantes, precisar a verdadeira dimensão do presente como alteração de cursos do futuro.

É fato, que vivemos uma autêntica revolução cultural, cuja repercussão sequer pode ser dimensionada. A conexão de um computador e uma linha telefônica mudou a face do mundo, ao permitir o acesso à informação, sobre os mais variados assuntos, onde quer que esta se encontre. A informação - matéria prima do conhecimento humano - não se circunscreve mais à dominância dos emissores; a mídia, semiótica por excelência, Internet, inverteu o processo de acesso, armazenamento e consumo da mensagem. É o receptor quem

determina sua trilha, de maneira absolutamente pessoal, num território de infindáveis e distintos caminhos.

O hipertexto traz em si a mesma idéia de deslocamento e remetente, que o livro já trazia, só que de uma forma mais dinâmica: um clique com o mause em cima da palavra-chave destacada do texto, substitui o esforço de se direcionar a pesquisa para outras páginas, outros livros. Mas, nem sempre o link encontra-se facilmente visualizado, algumas vezes é necessário surfar com o mause sobre a tela até encontrar, inesperadamente, o ícone adequado.

O hipertexto como mídia de linguagem híbrida adquire, com a estruturação que lhe dá Rosemberg (1996), um espaço de possibilidade de criação do leitor, de um documento virtual, resultante das escolhas de leitura proporcionadas pela navegação. Leão (1997: 29) detalha em seu artigo os três conceitos desenvolvidos por Rosemberg. O ato de seguir um link é por ele categorizado como *actema*: *quando o leitor de um hipertexto clica sobre uma hotword ele é levado para uma outra parte do documento, ou mesmo para para um outro ponto da rede.* Esse simples ato, rompe com a linearidade da leitura e abre novos caminhos. Diversos actemas, que vão criando uma referencialidade, uma certa coerência com o repertório do leitor, Rosemberg conceitua como *episódio*. Já há, nesta sucessão de atos, uma conectividade estabelecida entre leitor e mensagens disponibilizadas pelo hipertexto. Por último, o tempo dedicado à exploração de um sistema hipertextual, o pesquisador, denomina de *sessão*. O importante neste estágio é que este tempo pode extrapolar o tempo real de navegação: *o leitor pode empreender diversas sessões, com o objetivo de extrair algo "lógico" conseqüente (ou seja, de formar um episódio) (Leão, 30).* Nesse caso, tanto o episódio (referencialidade) pode se formar a partir de diversas sessões que vão se superpondo, como uma única sessão pode significar diversas interconexões de episódios, que vão se abrindo para outras possibilidades de reconfiguração do paideuma.

O aparecimento dessa metodologia ocasionou uma revolução na maneira de se acessar a informação. Não se trata de afirmar que o hiperlink impeça a possibilidade de uma leitura linear, contudo, a limita, ou a conduz pela captação do olhar e o direcionamento da atenção para a marcação, que passa a sugerir uma leitura não-linear, já que, um documento-hipertexto, sob o suporte do computador, pode ser apropriado de diversas maneiras, dependentes, inclusive, do apelo estético, despertado por palavras e imagens que sugerem o processo de linkagem. Surge daí, a idéia de navegar, ou surfar, como liberdade de se alterar o

curso da leitura a qualquer momento, sem qualquer obrigação de direcionamento, mas, mantendo também, a possibilidade da ordem e da lógica.

4. Considerações finais

O repertório individual constitutivo do paideuma é uma construção que resulta de incontáveis situações em que as informações, metabolizadas, se transformam em acervo de conhecimento. Esse processo de semiose dá-se em um ambiente que Lotman chama de semiosfera, entendendo cultura como memória não-hereditária e espaço da resignificação de linguagens. Conseqüentemente, também, lugar da reconfiguração de repertórios de conhecimentos e pré-juízos.

Landow discute o hipertexto e chama atenção para a reconfiguração do texto que, ao ser trilhado pelo leitor, possibilita também uma nova prática de escritura, transformando o leitor em co-autor. A informação acessada instiga à atividade da descoberta, dando-lhe oportunidade de autonomia para tirar da idéia o rumo para trilhar um caminho pessoal, conseqüentemente, reescrevendo o que já foi escrito e, que, na verdade, se apresenta, neste contexto, como momento de entropia e mudança de caminho. O leitor do hipertexto, ao fazer o percurso do documento movido por suas escolhas, acaba por criar um documento virtual, inédito e irrepetível. Parece-me que a reconfiguração que se dá no repertório do receptor que acessa a mensagem digitalizada e a desorientação proporcionada pelas perspectivas que o processo de *lincagem* apresenta, corroboram esses mesmos princípios.

A possibilidade de se encontrar o passado no presente, embutido na reconfiguração do paideuma, está consubstanciado em Prigogine, embutido no conceito de explosão de Lotman e na construção dos episódios, declinados por Rosemberg. Esta perspectiva evidenciada, primeiramente na literatura de Joyce e de Borges, destaca-se sobremaneira na tela do computador, o qual, embora, aparentemente se configure como simulacro do livro, adquire a singularidade de ser o suporte apropriado à intertextualidade de linguagens híbridas e o lugar de ocorrência do rompimento definitivo com a linearidade.

No entanto, é bom assegurar-se que, no âmbito do hipertexto, concomitante ao sentido do jogo, da diversão, da perda e também do ganho, está embutido também o sentido agonístico proporcionado pelo estranhamento, o confronto e a reorganização de referenciais de conhecimentos, hierarquicamente formulados por um pensamento ainda cartesianamente dominante.

Sites visitados incita-nos a uma reorganização de paideuma já em sua abordagem primeira: pela predominância da língua inglesa, o que obriga a transformar um sistema de codificação lingüística em outro repertório que não, propriamente, o do leitor. Essa primeira abordagem será sempre um elemento de estranhamento, mesmo que, pouco a pouco, tal obstáculo venha a ser domesticado, referenciado ao *background* poliglota do agente da navegação.

As iniciativas e opções que se vão abrindo no percurso de novas e até irrepetíveis possibilidades de pesquisa (ou visita) conduzem, antes da constatação do ganho, a um sentido de perda, de descontrole e domínio que o livro, de certo modo, parece assegurar. Para Rosemberg, a abordagem hipertextual implica em uma atitude de se perseguir um episódio, ou seja, de se estabelecer combinatórias que vão fazendo sentido no âmbito do leitor; reconstruindo saberes anteriores. Para ele, o sentido de desorientação advém da perda desse fio do episódio.

O hipertexto remete-nos para a vastidão ilimitada da informação, mobiliza-nos a trilhar caminhos não previsíveis e, mesmo irreconciliáveis com o passado, pela abertura que nos oferece para o campo das probabilidades, incontidas nesta mídia, mas absolutamente limitadas pelos suportes de papel, o mundo da escritura do livro e, também, das mídias eletrônicas de massa. Mas, uma visita a Web dá-nos também a oportunidade da reconfiguração de repertório, pela instigação, oferecendo-nos a perspectiva da autonomia, da descoberta de variados caminhos, absolutamente singulares, às vezes criando uma trilha original, pela qual, nenhum outro navegador ainda passou.

Existe uma natural perda do limite entre o que é pesquisar e entreter-se, no hipertexto, pois a ausência de seqüência linear faz com que entre em jogo o background do leitor, oferecendo-lhe a oportunidade de tornar-se também "um escritor" que, com sua ação, modifica a estrutura anterior do texto. Essa interatividade só é possível pela troca que se estabelece, resultando em outra coisa, diferente, muita vez, do que originalmente, se pensava comunicar, ou pesquisar. Há uma tendência absoluta de se mesclar à pesquisa com o prazer de criar. Para Prigogine, é o acontecimento que distingue o passado do futuro e constitui-se no agora, isto é, no possível. É ele (1988: p. 177) quem afirma:

> *Em cada caso, o acontecimento cria uma diferença entre o passado e o futuro, (...). Ele é o produto inteligível de um passado de que, porém,*

> *não poderia ser deduzido. Ele abre caminho para um futuro histórico em que se decidirá a insignificância ou o sentido de suas conseqüências.*

A atividade da pesquisa, ou da navegação, no hipertexto, em si, é um fenômeno de caráter temporal. Cada decisão tomada, cada ação de acnase, desencadeia sempre um futuro imediato e sucessivo de episódios, desconhecidos enquanto não se realizam, já que possibilitam a abertura para outras escolhas e realizações. Estamos sempre na iminência de optar por trilhas e coisas que por sua vez desencadearão outras como sucessão ou conseqüências de múltiplas escolhas e decisões que tomamos ou poderíamos ter tomado, pelo uso do livre-arbítrio, na construção do conhecimento singular, em conformidade com a peculiaridade, o repertório e a potencialidade de cada um.

5. Bibliografia Auxiliar

EDDINGS, Joshua. *Como funciona a Internet.* Ziff-Davis Quark , São Paulo, 1994.

CRUMILISH, Christian. *O Dicionário de Internet: um guia indispensável para os Internautas*. Campus, Rio de Janeiro, 1997

LANDOW, George. *Hyper/Text: the convergency of Contemporary Critical Theory and Technology*, Johns Hopkins University Press, 1992.

LEÃO, Lúcia Isaltina Clemente. *Apontamentos a respeito da arquitetura da hipermídia poética da navegação e poéticas da construção*. Centro de Estudos Peircianos, COS-PUC, São Paulo, 30/10/97.

LÈVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Edições Loyola. SP, 1994.

LOTMAN, J..M. *La Semiosfera L' asimmetria e il dialogo nelle struture pensanti* (trad. S. Salvestroni). Marslio, Veneza, 1985.

MINKOWISKI, Eugène. *El Tiempo Vivido.* México, F.C.E. 1973.

NEGROPONTE, Nicholas: *A vida digital*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

PRIGOGINE, Ilya. *Entre o Tempo e a Eternidade.* Cia das Letras, São Paulo, 1992.

_____. *O Fim das Certezas.* Editora UNESP, São Paulo, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. Experimento, SP, 1996.

_____. *Produção de linguagem e ideologia.* Cortez, SP, 1996.

_____. *O que é Semiótica*. Coleções Primeiros Passos, Editora Brasiliense, SP.

_____. *Palavra, imagem & enigmas.* Revista USP.

History of Internet and WWW: viw from Internet Valley.(on-line) Disponível na Internet na URL http://www.internetvalley.com/intval.html#1

WWW Development Resources. (on-line) Disponível: URL http://www.usgs.gov/network/resources.html